

Visualização curricular e tomada de decisão docente: Contribuições das planilhas dinâmicas para o planejamento do ensino

Gilberto Fernandes Lima

Doutorado em Ciências da Educação

Universidad Politécnica y Artística del Paraguay - UPAP

Resumo: Este artigo discute as relações entre visualização curricular e tomada de decisão docente, focalizando as contribuições das planilhas dinâmicas para o planejamento do ensino em contextos marcados pela flexibilização curricular e pela intensificação do uso pedagógico de dados. O objetivo geral é analisar de que modo recursos de organização, síntese e visualização presentes nas planilhas dinâmicas podem qualificar o trabalho de planejamento do professor, especialmente quando articulados à leitura do currículo, ao acompanhamento das aprendizagens e à interpretação de evidências escolares. A justificativa decorre do fato de que a reorganização curricular da Educação Básica, associada às demandas da BNCC e às formulações do Novo Ensino Médio, amplia a complexidade do planejamento docente e exige instrumentos que favoreçam uma visão integrada de habilidades, conteúdos, avaliações e necessidades das turmas. A pergunta de pesquisa que orienta o estudo é: como a visualização curricular apoiada por planilhas dinâmicas pode contribuir para a tomada de decisão docente no planejamento do ensino? Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, construída a partir do exame interpretativo de produções sobre currículo, educação estatística, tecnologias digitais e decisão baseada em dados. Os resultados indicam que as planilhas dinâmicas podem favorecer o cruzamento entre dimensões curriculares e pedagógicas, apoiar a identificação de lacunas de aprendizagem, organizar registros avaliativos e ampliar a capacidade do professor de replanejar o ensino com maior intencionalidade. Conclui-se, em termos gerais, que tais recursos não substituem a mediação pedagógica, mas fortalecem a leitura crítica dos dados escolares e potencializam decisões mais contextualizadas, reflexivas e coerentes com os objetivos formativos.

Palavras-chave: Visualização Curricular; Planilhas Dinâmicas; Planejamento Docente.



Recebido em: dezembro. 2025. Aceito em: março, 2026

DOI: 10.56069/2676-0428.2026.778

Epistemes em Debate: Perspectivas Interdisciplinares

Abril, 2026, v. 3, n. 37

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



Visualización curricular y toma de decisiones del profesor: Contribuciones de las hojas dinámicas de ejercicios a la planificación docente

Resumen: Este artículo analiza la relación entre la visualización curricular y la toma de decisiones del profesor, centrándose en las contribuciones de las hojas dinámicas a la planificación docente en contextos marcados por la flexibilidad curricular y la intensificación del uso pedagógico de los datos. El objetivo general es analizar cómo la organización, síntesis y visualización de los recursos presentes en las hojas de cálculo dinámicas pueden calificar el trabajo de planificación del profesor, especialmente cuando se articula con la lectura del currículo, el seguimiento del aprendizaje y la interpretación de la evidencia escolar. La justificación se basa en que la reorganización curricular de la Educación Básica, asociada a las demandas del BNCC y a las formulaciones del Nuevo Instituto de Secundaria, aumenta la complejidad de la planificación docente y requiere instrumentos que favorezcan una visión integrada de las habilidades, contenidos, evaluaciones y necesidades de las clases. La pregunta de investigación que guía el estudio es: ¿cómo puede la visualización curricular apoyada por hojas dinámicas contribuir a la toma de decisiones del profesorado en la planificación docente? Metodológicamente, es una investigación cualitativa de naturaleza bibliográfica, construida a partir del examen interpretativo de las producciones sobre el currículo, la educación estadística, las tecnologías digitales y la toma de decisiones basada en datos. Los resultados indican que las hojas de trabajo dinámicas pueden favorecer la intersección entre las dimensiones curricular y pedagógica, apoyar la identificación de brechas de aprendizaje, organizar registros evaluativos y ampliar la capacidad del docente para replanificar la enseñanza con mayor intencionalidad. Se concluye, en términos generales, que dichos recursos no sustituyen la mediación pedagógica, sino que fortalecen la lectura crítica de los datos escolares y mejoran decisiones que sean más contextualizadas, reflexivas y coherentes con los objetivos formativos.

Palabras clave: Visualización curricular; Hojas de cálculo dinámicas; Planificación del profesor.

Curriculum visualization and teacher decision-making: Contributions of dynamic worksheets to teaching planning

Abstract: This article analyzes the relationship between curriculum visualization and teacher decision-making, focusing on the contributions of dynamic sheets to teacher planning in contexts marked by curricular flexibility and the intensification of the pedagogical use of data. The general objective is to analyze how the organization, synthesis and visualization of the resources present in dynamic spreadsheets can qualify the teacher's planning work, especially when it is articulated with the reading of the curriculum, the monitoring of learning and the interpretation of school evidence. The justification is based on the fact that the curricular reorganization of Basic Education, associated with the demands of the BNCC and the formulations of the New Secondary Institute, increases the complexity of teaching planning and requires instruments that favor an integrated vision of the skills, contents, evaluations and needs of the classes. The research question that guides the study is: how can curriculum visualization supported by dynamic sheets contribute to teachers' decision-making in teaching planning? Methodologically, it is a qualitative research of a bibliographic nature, built from the interpretative examination of productions on the curriculum, statistical education, digital technologies and data-based decision-making. The results indicate that dynamic worksheets can favor the intersection between the curricular and pedagogical dimensions, support the identification of learning gaps, organize evaluation records, and expand the teacher's capacity to replan teaching with greater intentionality. It is concluded, in general terms, that these resources do not replace pedagogical mediation, but rather strengthen the critical reading of school data and improve decisions that are more contextualized, reflective and coherent with the training objectives.

Keywords: Curriculum visualization; Dynamic spreadsheets; Teacher planning.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre currículo e planejamento do ensino ganhou renovada centralidade no cenário educacional brasileiro em razão da implementação da Base Nacional Comum Curricular e das mudanças associadas ao Novo Ensino Médio. Ao definir competências, habilidades e referenciais comuns para a Educação Básica, a BNCC exige que o professor articule, no cotidiano escolar, conteúdos, progressões de aprendizagem, instrumentos avaliativos e estratégias didáticas coerentes com os percursos formativos propostos (Brasil, 2018).

Somam-se a isso as orientações oficiais sobre o Novo Ensino Médio, que evidenciam a necessidade de integrar formação geral básica, itinerários e flexibilização curricular em arranjos de ensino capazes de responder à diversidade dos estudantes. Nessa conjuntura, o planejamento docente deixa de ser apenas uma rotina burocrática e passa a demandar leitura analítica do currículo, comparação de informações e acompanhamento contínuo de evidências pedagógicas.

Ao mesmo tempo, a presença crescente das tecnologias digitais nos espaços escolares desloca a discussão sobre planejamento para além da simples elaboração de planos de aula. Ferramentas de registro, organização e visualização de dados passam a compor o repertório do professor, sobretudo quando se reconhece que decisões pedagógicas mais consistentes dependem da leitura de múltiplos indicadores: habilidades previstas, resultados de atividades, padrões de erro, frequência, participação e ritmo de aprendizagem. Nesse sentido, planilhas eletrônicas e seus recursos dinâmicos tornam-se particularmente relevantes, pois permitem reunir grande volume de informações, filtrá-las, reorganizá-las e torná-las visualmente inteligíveis. Em vez de operarem apenas como instrumentos técnicos, tais recursos podem se converter em mediações para a análise curricular e para o replanejamento do ensino, favorecendo uma ação docente mais fundamentada, investigativa e responsiva.

A justificativa deste estudo reside justamente nessa convergência entre complexificação curricular, cultura de dados e necessidade de decisões pedagógicas qualificadas. Em realidades escolares marcadas por turmas heterogêneas, pressões por acompanhamento de resultados e ampliação das demandas de personalização do ensino, o professor precisa transformar

registros dispersos em informação pedagogicamente significativa. No entanto, a escola nem sempre dispõe de instrumentos simples e apropriáveis para esse trabalho cotidiano. As planilhas dinâmicas se destacam porque articulam acessibilidade tecnológica, baixo custo, flexibilidade e capacidade de síntese visual. Quando utilizadas de modo crítico, podem apoiar tanto a leitura do currículo quanto o diagnóstico de dificuldades, a análise de erros, a priorização de habilidades e a avaliação de percursos de ensino. Desse modo, investigar suas contribuições é pertinente porque ajuda a compreender como o uso pedagógico de dados pode fortalecer a autonomia docente sem reduzir o planejamento a uma lógica meramente gerencial.

Diante desse cenário, o objetivo geral deste artigo é analisar as contribuições das planilhas dinâmicas para a visualização curricular e para a tomada de decisão docente no planejamento do ensino. Como objetivos específicos, pretende-se: discutir as relações entre reorganização curricular, planejamento docente e tecnologias digitais; examinar o papel da estatística e da visualização de dados na interpretação pedagógica de informações escolares; e sistematizar possibilidades de uso das planilhas dinâmicas no acompanhamento curricular, no diagnóstico das aprendizagens e no replanejamento do ensino.

Para atender a esses objetivos, o artigo organiza-se em três seções de desenvolvimento. A primeira discute o contexto curricular e pedagógico em que emerge a necessidade de instrumentos analíticos para o planejamento, relacionando BNCC, Novo Ensino Médio, educação estatística, análise de erros e tecnologias digitais. A segunda examina a relevância da estatística e da cultura de dados para a tomada de decisão educacional, destacando a passagem do registro bruto à interpretação pedagógica. A terceira sistematiza as contribuições das planilhas dinâmicas para a visualização curricular, apresentando possibilidades concretas de uso no trabalho docente. Após essas seções, a metodologia explicita o percurso qualitativo bibliográfico adotado, e as considerações finais retomam os objetivos e respondem à pergunta de pesquisa.

1 CURRÍCULO, FLEXIBILIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DOCENTE NO ENSINO MÉDIO

A visualização curricular tornou-se uma exigência pedagógica mais evidente no contexto em que a BNCC passou a orientar a Educação Básica brasileira. Ao propor competências gerais, competências específicas e habilidades distribuídas ao longo das etapas e áreas, o documento demanda do professor uma leitura articulada entre finalidades formativas, objetos de conhecimento, estratégias de ensino e avaliação (Brasil, 2018).

No Ensino Médio, essa demanda se intensifica porque a organização curricular se torna mais flexível e requer atenção simultânea à formação geral básica, aos arranjos locais e aos percursos possíveis dos estudantes. As formulações oficiais do Novo Ensino Médio reforçam essa complexidade ao apresentar a flexibilização como estratégia de ampliação de escolhas, aprofundamento e integração entre áreas do conhecimento. Para o professor, isso implica planejar não apenas “o que ensinar”, mas também como acompanhar trajetórias formativas diferenciadas sem perder de vista a coerência curricular.

Nessa perspectiva, o planejamento do ensino deixa de ser um ato linear e passa a constituir um processo analítico, comparativo e reflexivo. O professor precisa cruzar informações sobre habilidades prescritas, resultados de aprendizagem, características das turmas, tempos pedagógicos disponíveis e recursos institucionais. Em termos de pesquisa em educação, trata-se de reconhecer que práticas escolares são fenômenos contextualizados e dependentes de interpretações situadas, o que aproxima a análise do planejamento das contribuições mais amplas das ciências sociais para o estudo de rotinas institucionais (Bryman, 2016). A tomada de decisão docente, portanto, não pode ser reduzida a uma aplicação mecânica do currículo; ela exige leitura do contexto, interpretação das evidências produzidas no cotidiano e revisão constante de rotas.

As discussões da educação estatística contribuem para esse argumento ao mostrar que o uso de dados no ambiente escolar não se restringe à quantificação. Campos, Wodewotzki e Jacobini (2013) defendem que a

estatística, quando vinculada à modelagem e à leitura crítica da realidade, favorece processos de investigação, interpretação e argumentação. Transposto para o planejamento docente, isso significa compreender registros de avaliação, frequências, desempenhos por habilidade e padrões de participação como evidências que precisam ser contextualizadas para orientar intervenções pedagógicas. A visualização curricular, nesse sentido, emerge como ponte entre o texto prescritivo do currículo e a dinâmica efetiva das aprendizagens, permitindo que o professor identifique prioridades, relações e lacunas de maneira mais consistente.

Outro elemento fundamental é a análise de erros. Para Cury (2008), os erros dos estudantes não devem ser vistos apenas como falhas a serem corrigidas, mas como indícios de modos de pensar e de obstáculos conceituais que podem orientar o ensino. Em trabalho posterior, Cury (2013) amplia essa discussão ao destacar o potencial da análise de erros também na formação de professores, mostrando que o exame cuidadoso das respostas dos alunos produz conhecimento sobre a aprendizagem e sobre as escolhas didáticas. Quando associados ao currículo, esses indícios ajudam a tornar visíveis habilidades ainda não consolidadas, conteúdos que precisam ser retomados e grupos de estudantes que demandam apoio diferenciado. Assim, uma perspectiva de visualização curricular comprometida com a aprendizagem não se limita a mapear conteúdos previstos; ela precisa incorporar informações diagnósticas capazes de subsidiar decisões mais finas sobre o percurso de ensino.

As tecnologias digitais ampliam as possibilidades desse trabalho analítico quando são compreendidas como instrumentos de autoria, exploração e reorganização de informações. Fagundes et al. (1999) já enfatizavam que a informática educacional faz sentido quando promove ambientes de mudança na escola e de protagonismo na construção do conhecimento. Em linha semelhante, Fioreze (2010) evidencia que atividades digitais podem favorecer a construção conceitual quando articuladas a ações de investigação, comparação e reflexão. No caso do planejamento docente, isso significa utilizar recursos digitais não apenas para registrar notas ou produzir documentos, mas para construir leituras pedagógicas mais complexas do currículo e da aprendizagem. A tecnologia

deixa de ocupar um lugar periférico e passa a integrar o raciocínio didático do professor.

Nesse horizonte, as planilhas eletrônicas assumem especial relevância por sua versatilidade e capilaridade no cotidiano escolar. Flores (2013), ao discutir o uso de planilhas nas aulas de Matemática, mostra que esses ambientes favorecem organização de informações, exploração de relações numéricas e representação de dados. Embora o foco do autor esteja no trabalho com estudantes, a mesma lógica pode ser apropriada pelo professor no âmbito do planejamento. Ao estruturar uma base de dados com turmas, habilidades, instrumentos avaliativos e tipos de erro, o docente passa a visualizar o currículo em movimento, em vez de tratá-lo como listagem estática de conteúdos. A planilha torna-se, então, um suporte para comparar, filtrar, agrupar e sintetizar informações relevantes para a decisão pedagógica.

Dessa forma, a visualização curricular pode ser compreendida como uma prática de leitura organizada do ensino, em que o professor integra prescrições curriculares, evidências de aprendizagem e possibilidades tecnológicas para agir com maior intencionalidade. No contexto do Ensino Médio, marcado por maior diversidade de percursos e demandas de acompanhamento, esse tipo de visualização ganha importância estratégica. Mais do que cumprir documentos normativos, trata-se de construir condições para que o planejamento seja responsivo às necessidades reais das turmas, preserve a coerência formativa e reconheça os dados escolares como matéria-prima para o juízo profissional do docente.

2 ESTATÍSTICA, INTERPRETAÇÃO DE DADOS E DECISÃO PEDAGÓGICA

A tomada de decisão baseada em dados não é um tema estranho ao campo educacional, ainda que por muito tempo tenha sido associada prioritariamente à gestão administrativa e à avaliação em larga escala. Contudo, quando observada do ponto de vista do trabalho docente, a noção de dado assume sentido mais amplo: envolve registros de aprendizagem, frequência, participação, devolutivas qualitativas, padrões de erro e progressão curricular. Ignácio (2010) lembra que a estatística se tornou fundamental para o processo

de conhecimento e para a tomada de decisão justamente porque permite transformar grandes volumes de informação em bases mais seguras de análise. Essa contribuição não se resume ao cálculo; ela inclui planejamento, organização, tabulação, leitura e interpretação. No âmbito escolar, isso significa que o professor pode se valer do raciocínio estatístico para compreender tendências e apoiar escolhas pedagógicas, sem reduzir a singularidade dos sujeitos a números descontextualizados.

Em escala escolar, decisões sobre retomadas de conteúdo, agrupamentos, diferenciação de atividades ou priorização de habilidades tornam-se mais qualificadas quando se apoiam em informações sistematizadas e inteligíveis. Isso não implica adotar uma racionalidade tecnocrática, mas reconhecer que a interpretação pedagógica ganha consistência quando dialoga com evidências organizadas e visualmente acessíveis.

Esse ponto é importante porque o dado, por si só, não decide. A literatura qualitativa mostra que a produção de conhecimento depende de processos de compreensão situados, nos quais a interpretação emerge do diálogo entre material analisado, referenciais teóricos e contexto investigado. Moraes (2003), ao discutir a análise textual discursiva, destaca que a compreensão resulta de um movimento de unitarização, categorização e comunicação, em que novos sentidos emergem da leitura rigorosa do material.

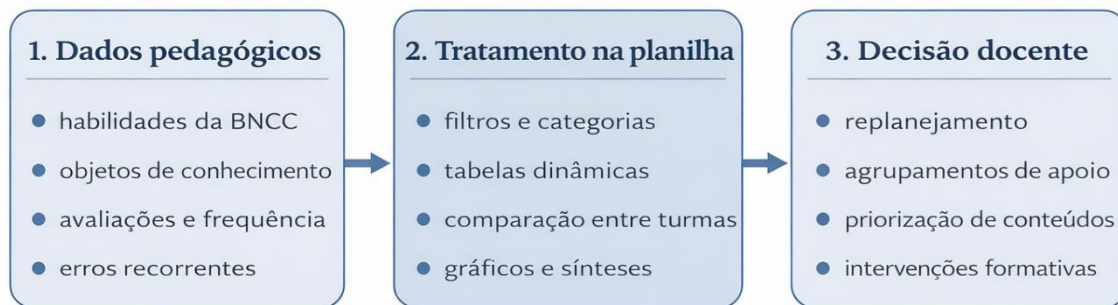
Moraes e Galiuzzi (2016) aprofundam esse entendimento ao mostrar que analisar é reconstruir significados e explicitar relações. Embora essa discussão se origine no campo da análise textual, ela ajuda a pensar o tratamento pedagógico dos dados escolares: o professor não apenas registra resultados, mas produz interpretações ao agrupar informações, construir categorias de leitura e comunicar conclusões que orientarão o ensino.

A passagem do dado à interpretação é ainda mais decisiva em contextos curriculares complexos. Não basta saber que uma turma apresentou baixo desempenho; é preciso perguntar em quais habilidades, em que tipo de tarefa, com quais recorrências de erro e sob quais condições didáticas isso ocorreu. Essa postura aproxima o raciocínio docente de uma cultura investigativa, em que a análise de informações serve para formular problemas e não apenas para classificar estudantes. Marafon et al. (2013), ao reunirem reflexões sobre

pesquisa qualitativa aplicada, reforçam a importância de considerar os contextos e as múltiplas determinações dos fenômenos sociais. Em educação, essa advertência é crucial: a leitura dos dados curriculares exige articulação entre indicadores e circunstâncias pedagógicas, evitando interpretações simplistas ou culpabilizadoras.

As tecnologias digitais podem fortalecer esse processo quando favorecem acesso, manipulação e ressignificação das informações. Kist (2008), ao estudar implicações de iniciativas de inserção tecnológica nas práticas de leitura e escrita, mostra que dispositivos e recursos digitais produzem efeitos pedagógicos distintos conforme os usos sociais que deles se fazem. Em outras palavras, a potência educativa de uma ferramenta depende da maneira como ela é integrada à prática. Aplicado ao tema deste artigo, isso significa que a planilha dinâmica não é relevante por sua novidade técnica, mas porque pode ser incorporada a uma lógica de leitura curricular, produção de sínteses e apoio ao planejamento. Seu valor está na mediação que oferece entre o dado disperso e a interpretação necessária à ação pedagógica.

Figura 1. Fluxo analítico do planejamento docente com planilhas dinâmicas



Fonte: Elaboração própria (2026).

Quando o professor organiza dados por unidade temática, habilidade, turma, bimestre ou instrumento avaliativo, torna-se possível construir uma visão longitudinal e comparativa da aprendizagem. Essa visualização permite identificar regularidades, contrastes e deslocamentos que dificilmente apareceriam em registros fragmentados. Um conjunto de notas isoladas, por exemplo, pouco diz sobre o currículo; mas, quando reorganizado por habilidade, pode revelar que determinadas competências apresentam baixo domínio em

diferentes turmas, sugerindo a necessidade de retomada conceitual. De modo semelhante, a categorização de erros por tipo de procedimento, representação ou interpretação produz um mapa mais útil para a ação docente do que a simples indicação de acertos e erros. A estatística, nesse ponto, contribui como linguagem de síntese e de comparação, enquanto a abordagem qualitativa impede que tais sínteses sejam naturalizadas sem leitura contextual.

É precisamente nessa articulação entre síntese estatística e interpretação pedagógica que se consolida uma noção mais robusta de decisão docente. Decidir, no planejamento do ensino, não é apenas escolher conteúdos para a semana seguinte; é selecionar prioridades, calibrar tempos, redefinir estratégias, prever intervenções e construir percursos didáticos coerentes com objetivos formativos e evidências de aprendizagem. Ignácio (2010) argumenta que a estatística reduz incertezas e oferece apoio a decisões em cenários complexos. No espaço escolar, as incertezas permanecem, porque a educação lida com processos humanos abertos; ainda assim, a organização criteriosa dos dados pode diminuir arbitrariedades e ampliar a capacidade do professor de justificar pedagogicamente suas escolhas.

Ao mesmo tempo, é preciso evitar a ilusão de que mais dados significam automaticamente melhor ensino. A qualidade da decisão depende tanto da consistência dos registros quanto da competência interpretativa de quem os analisa. Moraes e Galiazzi (2016) lembram que interpretar envolve abertura ao novo, rigor analítico e reconstrução argumentativa. Transferido para o cotidiano escolar, esse princípio sugere que o professor precisa ler os dados à luz do currículo, do contexto da turma, das condições de ensino e dos próprios objetivos formativos. A cultura de dados, portanto, só se torna pedagogicamente fecunda quando associada à reflexão docente e ao compromisso com a aprendizagem significativa.

Nesse cenário, a visualização curricular pode ser entendida como dispositivo de mediação entre o currículo prescrito, o currículo ensinado e o currículo aprendido. Ao reunir dimensões estatísticas e qualitativas, ela permite que o professor veja padrões sem perder de vista singularidades, compare sem homogeneizar e replaneje sem improvisar. A tomada de decisão docente torna-se mais consistente quando os dados são organizados de modo inteligível,

discutidos criticamente e transformados em ação pedagógica situada. É esse movimento que abre caminho para compreender, de maneira mais específica, o papel das planilhas dinâmicas no planejamento do ensino.

3 CONTRIBUIÇÕES DAS PLANILHAS DINÂMICAS PARA A VISUALIZAÇÃO CURRICULAR

As planilhas dinâmicas oferecem um conjunto de operações particularmente útil ao planejamento docente: filtragem, agrupamento, cruzamento de variáveis, síntese em tabelas e geração de gráficos. Quando organizadas a partir de uma base pedagógica consistente, essas operações permitem transformar registros fragmentados em visualizações curriculares compreensíveis e acionáveis. Em vez de consultar várias listas separadas — uma com habilidades, outra com resultados, outra com observações sobre dificuldades — o professor pode reunir essas dimensões em uma única estrutura analítica e reorganizá-la conforme a pergunta que deseja responder. Essa flexibilidade aproxima a prática docente do entendimento de Ignácio (2010) sobre a estatística como apoio à decisão em contextos de incerteza, pois reduz dispersões informacionais e explicita relações relevantes para o ensino.

Uma primeira contribuição reside no acompanhamento da cobertura curricular. Ao associar cada atividade, aula ou instrumento avaliativo às habilidades correspondentes, a planilha dinâmica permite verificar quais objetivos foram mais trabalhados, quais aparecem de modo recorrente e quais permanecem pouco explorados. Isso é particularmente importante em currículos extensos, nos quais a percepção intuitiva nem sempre basta para garantir equilíbrio e progressão. A visualização por período, turma ou eixo temático ajuda o professor a evitar lacunas, sobreposições desnecessárias e concentrações excessivas em determinados tópicos. Desse modo, a ferramenta favorece um planejamento mais coerente com a intencionalidade formativa prevista em documentos curriculares e com a necessidade de distribuir o tempo pedagógico de maneira racional.

Uma segunda contribuição refere-se ao diagnóstico das aprendizagens. Ao cruzar habilidades com desempenhos, tipos de item, frequência e categorias

de erro, o professor pode identificar focos prioritários de intervenção. A análise deixa de operar no nível genérico da “turma foi mal” e passa a indicar, por exemplo, que determinado grupo apresenta maior dificuldade em interpretar enunciados, estabelecer proporcionalidade, justificar procedimentos ou mobilizar representações gráficas. Esse tipo de leitura dialoga com a perspectiva de Cury (2008; 2013), segundo a qual os erros são fontes de compreensão sobre o pensamento dos estudantes. A planilha dinâmica potencializa essa análise porque permite reorganizar rapidamente os dados e visualizar padrões que orientam intervenções mais precisas e menos intuitivas.

Quadro 1. Possibilidades de uso pedagógico das planilhas dinâmicas no planejamento.

Etapa	Pergunta docente	Dados mobilizados	Operação na planilha	Decisão
Cobertura curricular	Quais habilidades foram pouco trabalhadas?	planejamento, aulas, unidades	filtro por habilidade e período	redistribuir o tempo didático
Diagnóstico	Onde estão as maiores dificuldades?	resultados por item e habilidade	tabela dinâmica por turma e descritor	retomada focalizada
Análise de erros	Que padrões de resposta se repetem?	categorias de erro	agrupamento por tipo de erro	intervir com maior precisão
Planejamento coletivo e acompanhamento	Que evidências orientarão a equipe e o próximo ciclo?	sínteses, gráficos e dados por período	painéis, comparação temporal e filtros	decisões articuladas e ajustes metodológicos

Fonte: Elaboração própria (2026).

Há ainda uma contribuição importante no campo da comunicação pedagógica. Gráficos sintéticos, tabelas resumidas e painéis simples podem apoiar a discussão entre professores da mesma área, em conselhos de classe ou em momentos de planejamento coletivo. Kist (2008) chama atenção para o fato de que o sentido pedagógico das tecnologias depende dos usos sociais e colaborativos construídos em torno delas. Assim, a planilha dinâmica não precisa ser vista como ferramenta individual e isolada; ela pode funcionar como linguagem compartilhada para discutir evidências, negociar prioridades e

construir ações conjuntas. Em escolas que trabalham com percursos formativos diversificados, essa dimensão colaborativa é decisiva para alinhar decisões e evitar fragmentação curricular.

Além disso, as planilhas dinâmicas favorecem a temporalização do planejamento. Ao comparar resultados entre bimestres, sequências didáticas ou turmas, o docente consegue observar deslocamentos e avaliar se determinadas intervenções produziram efeitos. Essa leitura longitudinal aproxima-se da compreensão de PARIS21 (s.d.a; s.d.b) sobre a importância de dados robustos e comparáveis para orientar decisões consistentes. No plano escolar, trata-se de perceber tendências: uma habilidade teve melhora após mudança metodológica? Certo tipo de erro diminuiu após atividade de retomada? Um grupo específico respondeu melhor a estratégias diferenciadas? Essas perguntas não se resolvem apenas com impressão subjetiva; elas ganham densidade quando apoiadas em séries organizadas e visualmente acessíveis.

Todavia, o uso pedagógico das planilhas dinâmicas requer mediação crítica. A ferramenta não substitui a interpretação qualitativa do professor, nem deve induzir uma lógica de controle excessivamente quantitativa. Moraes (2003) e Moraes e Galiuzzi (2016) ajudam a lembrar que compreender implica reconstruir sentidos e produzir argumentos contextualizados. Logo, a visualização curricular gerada pela planilha precisa ser lida à luz do contexto da turma, das condições de ensino, das especificidades do componente curricular e das observações qualitativas que escapam à quantificação direta. É nesse equilíbrio entre síntese visual e interpretação pedagógica que reside sua maior potência: tornar o currículo visível sem reduzir a educação a um painel de indicadores.

Quando apropriadas nesse horizonte, as planilhas dinâmicas fortalecem a autonomia docente. Elas permitem que o professor formule suas próprias perguntas analíticas, selecione os recortes mais relevantes, construa indicadores pedagógicos coerentes com seus objetivos e fundamente o replanejamento em evidências organizadas. Também favorecem uma postura investigativa diante do currículo, aproximando o planejamento da pesquisa sobre a própria prática. Essa aproximação é coerente com a compreensão qualitativa de que o conhecimento profissional se produz por interpretação reflexiva de

situações concretas (Marafon et al., 2013; Guerra et al., 2024). Assim, o uso de planilhas dinâmicas não representa simples modernização instrumental, mas uma possibilidade concreta de qualificar a tomada de decisão docente e de ampliar a inteligibilidade do processo de ensino.

4 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica. A opção por esse delineamento decorre do objetivo de compreender, em nível teórico-analítico, como a literatura educacional e metodológica permite pensar as relações entre currículo, visualização de dados e tomada de decisão docente. Conforme Guerra et al. (2024), a pesquisa qualitativa privilegia a compreensão aprofundada dos fenômenos, valorizando sentidos, contextos, interpretações e a complexidade dos processos sociais. Em vez de buscar mensuração de variáveis isoladas, interessa examinar significados, relações e mediações, o que se mostra adequado para discutir o planejamento do ensino como prática situada e reflexiva.

O caráter bibliográfico do trabalho fundamenta-se na seleção e análise de produções que abordam: a organização curricular da Educação Básica e do Ensino Médio; o papel da estatística na produção de conhecimento e na tomada de decisão; a inserção de tecnologias digitais nas práticas pedagógicas; e o potencial das planilhas eletrônicas para organização e leitura de dados educacionais. O corpus foi composto pelas obras e documentos indicados para este artigo, contemplando referenciais normativos, livros, artigos, dissertações e tese. A leitura do material buscou identificar convergências conceituais, complementaridades e contribuições específicas de cada obra para a construção do problema investigado.

Em termos procedimentais, a análise ocorreu em três movimentos articulados. No primeiro, realizou-se leitura exploratória para delimitar as categorias centrais do estudo: currículo e flexibilização; educação estatística e interpretação de dados; e planilhas dinâmicas como mediação para o planejamento. No segundo, procedeu-se à leitura analítica das obras, destacando argumentos, conceitos e implicações para a prática docente. No terceiro, elaborou-se uma síntese interpretativa orientada pela pergunta de

pesquisa: como a visualização curricular apoiada por planilhas dinâmicas pode contribuir para a tomada de decisão docente no planejamento do ensino? Esse percurso é coerente com Guerra et al. (2024), para quem a pesquisa qualitativa exige rigor na construção do corpus, sensibilidade interpretativa e explicitação do caminho analítico adotado.

Por se tratar de investigação bibliográfica, o estudo não envolve produção de dados empíricos com participantes nem pretende generalizar resultados de forma estatística. Seu propósito é oferecer uma interpretação fundamentada do tema, sistematizando aportes teóricos capazes de subsidiar práticas e pesquisas futuras. A validade do trabalho reside, portanto, na consistência da argumentação, na coerência entre problema, objetivos e corpus analisado, e na capacidade de produzir compreensões úteis sobre o uso pedagógico de planilhas dinâmicas na visualização curricular e na decisão docente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu da compreensão de que o planejamento do ensino, especialmente no contexto de reorganização curricular da Educação Básica, tornou-se uma atividade cada vez mais complexa e dependente de leitura analítica do currículo e das evidências de aprendizagem. A pergunta de pesquisa formulada — como a visualização curricular apoiada por planilhas dinâmicas pode contribuir para a tomada de decisão docente no planejamento do ensino? — orientou a construção de uma resposta fundamentada em literatura sobre currículo, educação estatística, tecnologias digitais e pesquisa qualitativa. Ao final do percurso, é possível afirmar que as planilhas dinâmicas constituem mediações relevantes para tornar o currículo visível, organizar dados pedagógicos e apoiar decisões mais intencionais e contextualizadas.

O primeiro objetivo específico, voltado à discussão das relações entre reorganização curricular, planejamento docente e tecnologias digitais, foi atendido ao se demonstrar que a BNCC e as formulações do Novo Ensino Médio ampliam a necessidade de instrumentos capazes de articular habilidades, tempos, avaliações e percursos formativos. Nessa chave, o planejamento docente deixa de ser mero preenchimento documental e passa a demandar leitura integrada de múltiplas informações. Também se evidenciou que as

tecnologias digitais, quando apropriadas criticamente, podem compor o raciocínio didático do professor e favorecer análises mais complexas do processo de ensino.

O segundo objetivo específico, relativo ao papel da estatística e da visualização de dados na interpretação pedagógica, foi contemplado ao mostrar que decidir na escola implica transformar registros dispersos em informação significativa. A literatura examinada permitiu sustentar que a estatística contribui para organizar, comparar e sintetizar dados, enquanto a abordagem qualitativa lembra que tais dados precisam ser interpretados à luz do contexto, das finalidades formativas e das singularidades das turmas. Em outras palavras, a visualização curricular é potente quando combina síntese e interpretação, quantidade e sentido, comparação e contextualização.

O terceiro objetivo específico, referente à sistematização de possibilidades de uso das planilhas dinâmicas no acompanhamento curricular, no diagnóstico e no replanejamento, também foi alcançado. Ao longo do texto, evidenciou-se que essas ferramentas podem apoiar o monitoramento da cobertura curricular, a identificação de habilidades menos consolidadas, a categorização de erros recorrentes, a comparação entre períodos e turmas e a comunicação de evidências em processos de planejamento coletivo. Quando utilizadas nesse horizonte, as planilhas dinâmicas fortalecem a autonomia docente, pois permitem formular perguntas analíticas próprias e justificar pedagogicamente as escolhas de ensino.

Assim, a resposta à pergunta da pesquisa pode ser sintetizada do seguinte modo: a visualização curricular apoiada por planilhas dinâmicas contribui para a tomada de decisão docente porque organiza e torna inteligíveis informações curriculares e avaliativas, favorecendo diagnósticos mais precisos, replanejamentos mais coerentes e intervenções mais sensíveis às necessidades dos estudantes. Sua principal contribuição não está na automatização da prática, mas na ampliação da capacidade reflexiva do professor diante do currículo em ação. Como desdobramento, o tema sugere a importância de novas investigações empíricas sobre usos concretos dessas ferramentas em escolas e áreas específicas, bem como ações formativas que ajudem docentes a

desenvolver competências de leitura pedagógica de dados sem perder de vista a centralidade do julgamento profissional e da finalidade educativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRYMAN, Alan. **Social research methods**. 5. ed. Londres: Oxford University Press, 2016.

CAMPOS, Celso Ribeiro; WODEWOTZKI, Maria Lúcia Lorenzetti; JACOBINI, Otávio Roberto. **Educação estatística: teoria e prática em ambientes de modelagem**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CURY, Helena N. **Análise de erros: o que podemos aprender com as respostas dos alunos**. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CURY, Helena N. Análise de erros e formação de professores: sugestões para ensino e pesquisa em cursos de Licenciatura em Matemática. **Revista Contexto & Educação**, v. 21, n. 76, p. 95-113, 2013.

FAGUNDES, Léa da Cruz et al. **Aprendizes do futuro: as inovações começaram**. Brasília: MEC/SEED/ProInfo, 1999.

FIOREZE, Leandra Anversa. **Atividades digitais e a construção dos conceitos de proporcionalidade: uma análise a partir da teoria dos campos conceituais**. 2010. 240 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FLORES, Jeronimo Becker. O uso de planilhas eletrônicas nas aulas de Matemática no ensino fundamental. **Caderno de Estudos Tecnológicos**, v. 1, n. 1, p. 199-207, 2013.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues et al. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 7, p. e4019, 2024.

IGNÁCIO, Sérgio Aparecido. Importância da estatística para o processo de conhecimento e tomada de decisão. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 31, n. 118, p. 175-192, jan./jun. 2010.

KIST, Silvia de Oliveira. **Um laptop por criança**: implicações para as práticas de leitura e escrita. 2008. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MARAFON, Glaucio José; RAMIRES, Júlio César de Lima; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (comp.). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Unijuí, 2016.